

A PERSPECTIVA *QUEER* NA LITERATURA BRASILEIRA: ARETUSA VON E O “TRIUNFO DOS PELOS”

THE QUEER PERSPECTIVE IN BRAZILIAN LITERATURE: ARETUSA VON AND “TRIUNFO DOS PELOS”

Lizandro Carlos Calegari¹

Resumo: O objetivo geral deste trabalho é avaliar as diversidades sexuais a partir de algumas obras específicas da literatura brasileira. Inicialmente, procura-se verificar de que forma alguns livros publicados no final do século XIX e início do XX respondem às proposições teóricas acerca da homossexualidade e da teoria *queer*. Em seguida, analisa-se o conto “Triunfo dos pelos” (2000), de Aretusa Von, com o intuito de demonstrar que existe uma concepção de identidade sexual que rompe com os esquemas binários de sexo e gênero e propõe um modelo livre de associações. A partir dessas reflexões, conclui-se que tanto o patriarcado quando o heterossexismo compulsório não se sustentam categoricamente, abrindo espaço para as identidades múltiplas.

Palavras-chave: Diversidade sexual. Teoria *queer*. Identidades múltiplas.

Quando se alude à teoria *queer*, no âmbito acadêmico brasileiro, verifica-se que o número de trabalhos científicos consistentes sobre o assunto é quase inexpressivo. É certo que tal teoria responde a uma reflexão esboçada a partir de uma realidade sociocultural diversa da brasileira, no caso, a norte-americana, mas, ao que parece, a sua não penetração ou a sua não proliferação em solo nacional se devem às características estruturais de uma sociedade ainda calcada em paradigmas patriarcais e, por extensão, conservadores, machistas e preconceituosos. Isso significa dizer que inclusive os grandes centros urbanos, espaço onde são viabilizadas discussões teóricas mais fecundas sobre determinados temas, carecem de certas aberturas, em parte, devido às macroestruturas elitistas de poder ainda predominantes.

Se a Ditadura Militar (1964-1985) tentou inibir certas manifestações artísticas e determinados pensamentos críticos, paradoxalmente, ela forjou circunstâncias que estimularam a emergência de novos produtos culturais que se colocaram na contramão da proposta ideológica do Estado. Entretanto, como a censura não censura nada, provavelmente em virtude de sua explícita e previsível ação coercível, certas produções e teorizações passam a existir e a circular. E é justamente nesse contexto de repressão, em que os militares agiam no sentido de cercear as possibilidades de se tocar em certos temas, dentre eles, o sexo, que surge um dos primeiros ensaios que discute questões dirigidas à teoria *queer*. Trata-se do texto intitulado “Homossexualismo: sexualidade e valor”, publicado em

¹ Doutor em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS). Professor de Língua e Literatura na mesma instituição. E-mail: lizandro.calegari@yahoo.com.br

Revista Literatura em Debate, v. 10, n. 18, p. 73-87, ago. 2016. Recebido em: 24 fev. 2016. Aceito em: 12 mar. 2016.

1970, de autoria de Samuel Rawet (1929-1984), judeu-brasileiro nascido na Polônia, mas que, na infância e na adolescência, viveu nos subúrbios da cidade do Rio de Janeiro.

Em relação aos temas concernentes à sexualidade, não interessa, aqui, apenas a referência ao contexto brasileiro. O ensaio de Rawet surgiu em um momento em que a teoria *queer* começava a se cristalizar no pensamento sociopolítico ocidental, mas também era um momento em que o Ocidente, tanto na sua facção de direita quanto na de esquerda, criticava e condenava o assim chamado homossexualismo. A direita o enxergava como pecado, doença, perversão; a esquerda, por sua vez, como índice de decadência burguesa. Ou seja, em um contexto com tendências estruturantes paradoxais, o ensaio de Rawet surge como um importante texto fundador daquilo que hoje se pode chamar de bibliografia das teorizações brasileiras *queer*. Afora isso, o autor, na condição de judeu imigrado, responde a questões de marginalização e de exílio que ele próprio viveu.

Uma das primeiras proposições apontadas pelo autor é a de que o homem é constituído como uma “estrutura aberta, sem começo nem fim” (RAWET, 2008, p. 28). Essa observação aponta para uma base existencialista de seu pensamento, embora não mencione Jean-Paul Sartre e, em seu ensaio, a palavra “existencial” apareça apenas uma única vez (Ibid., p. 34). O princípio básico de Rawet sobre o tema vem reiterado duas vezes, no texto, em letras maiúsculas: “O HOMEM ESCOLHE A FORMA DA SUA SEXUALIDADE” (Ibid., p. 28 e 35). A essa tese o autor associa a noção de ética e de valor, pois, quando se alude ao corpo, diz ele, está-se referindo à sexualidade, e, uma vez que o homem pode escolher a dimensão dos elementos que constituirão a sua sexualidade, ele se determinará a partir de valores e de posições éticas.

Assim, esses apontamentos delineados pelo autor opõem-se à definição de sexualidade (particularmente à definição de homossexualismo) tal como formulada há algumas décadas. Se as noções teóricas que definiam a sexualidade humana se pautavam em princípios totalizantes e imutáveis², Rawet os concebe como consequência de decisões e escolhas calcadas em valores e em posturas éticas determinadas. É importante lembrar, aqui, que, quando o autor escreveu seu ensaio, nos anos 1970, circulava a noção de que a homossexualidade era uma doença cujo fim último seria a sua erradicação. Dentro de um contexto que proibia a menção ao homossexualismo e que o concebia como algo patológi-

² Nas palavras de Rawet (2008, p. 30), “[e]m todos os ensaios, todos, que encontrei sobre a sexualidade, um ponto sempre me pareceu falho: o caráter definido, *totalizado*, imutável, o caráter absoluto do homem como ser, mais imutável do que a eternidade”.

co e patologizante, a premissa de Rawet de que o homem escolhe a forma de sua sexualidade é definitivamente transgressora.

Essa transgressão se pauta nos seguintes paradigmas. Em primeiro lugar, a sua postura subversiva desafia as ideias essencialistas sobre desejo homoerótico concebido como doença psicológica (premissa essa provavelmente extraída da narrativa freudiana). Em segundo lugar, ela põe em xeque as teses religiosas de que o homossexualismo seria um castigo de Deus pelo fato de Caim ter desobedecido à vontade divina. Assim, se, por um lado, há essas posturas destrutivas dirigidas ao homossexualismo, há, por outro, em um contexto hostil, um Rawet que defende critérios existencialistas pautados na livre escolha e na satisfação de desejos pessoais. Trata-se de uma noção de indivíduo revolucionário, com vontade própria, movido por desejos que pedem espaço para a livre manifestação³. Partindo dessas posturas, o autor elabora um conjunto de questões que, em última instância, desafiam as premissas do heterossexismo compulsório. Nos termos do autor, “com um gosto pelo reacionário via absurdo ousou elaborar as seguintes perguntas”:

- a) Há alguma lei absoluta que obrigue um homem a ter relações sexuais com uma mulher?
- b) Quando o homem odeia a mulher, ou a mulher odeia o homem, qual o rumo possível da sexualidade?
- c) Considerando a pergunta anterior, o que significa o homossexualismo, masculino e feminino?
- d) Sendo o homem o que *é* (não sei e muita gente não sabe), a sexualidade também não estará integrada no que *é*?
- e) A que processo psicológico está submetido um homem, ou uma mulher, homossexual, numa cultura que só admite oficialmente as relações heterossexuais? É verdade que nas culturas em que não há essa imposição a sexualidade se guia por uma sábia indiferença, comum na *natureza*?
- f) Numa sociedade em que antes mesmo de nascer o homem se preocupa com a aposentadoria, e não com a morte, numa sociedade em que se esquece que a vida é uma grande aventura, a ser recomeçada a cada dia, em que feto e cadáver são idênticos, como não subcumbir diante de evidências?
- g) Que papel representa a interação dos sexos, no plano da convivência, para gerar estados patológicos que só são patológicos não pelo que são, mas pelo significado que assumem? (Ibid., p. 32)

Nessa passagem de seu texto, Rawet questiona uma série de posturas e paradigmas que têm sustentado o patriarcado e o heterossexismo compulsório. Nesse sentido, ele põe em xeque a primazia de uma narrativa mestra que dê sustentação a um modelo de sexualidade legitimada socialmente, indaga sobre o real significado do homossexualismo mascu-

³ Segundo o autor, “[o] passo dado foi a procura do caráter experimental e empírico anterior à *divinização*. Falava-se de uma reta infinita. *Infinia*? Feita a pergunta com honestidade, como não abrir os olhos? Mas o homem, não. Mataram Deus e inverteram a revolução do astrônomo polonês. O universo é uma vasta interrogação em torno de uma coisa só, absoluta, perfeita, completa: o Homem, com H maiúsculo, sempre. E durma-se!” (RAWET, 2008, p. 31).

lino e feminino, interroga o estado da psicologia de um homem ou de uma mulher homossexual dentro de um contexto que não os aceita nem os tolera e, também, avalia a ideia de patologia relativa à condição homossexual. O que precisa ser salientado, nesse particular, é que as observações do autor partem do discurso dominante da época, qual seja, de que existem dois sexos biológicos e de que estes determinariam categorias fixas de homem (masculino-macho) e de mulher (feminino-fêmea). Talvez as perguntas formuladas pelo autor possam parecer não muito profundas se forem consideradas as teorizações atuais sobre o assunto, mas eram bastante transgressoras para a sua época.

Além disso, as formulações existencialistas de Rawet sobre o tema partiam de uma escolha individual do próprio sujeito frente a seu desejo e, a partir disso, haveria a construção de sua identidade sexual, sem mediações. As teorizações mais recentes apontam que o “problema da homossexualidade” não se pauta nessa simples relação causal. Procurar uma “causa para a homossexualidade” é, por si só, um ato preconceituoso. Assim, se se concordar com a premissa de que a homossexualidade é um fenômeno que responde a um desejo e implica atos, atitudes, produtos e produções culturais, “pensar que uma coisa leva a outra seria um exemplo de reducionismo” (FOSTER, 2000, p. 32). Essa ideia se reforça justamente se se pensar que o homem não se constitui numa estrutura fechada, definida e imutável.

As concepções de Rawet sobre a sexualidade humana – e, mais especificamente, sobre a homossexualidade e o que viria a ser denominado de *queer* – violaram muitos códigos que determinavam a conduta dos indivíduos que eram regidos por paradigmas alicerçados no direito, na religião, na família, na medicina e na moral. Enfim, forjava-se, no seio da sociedade, um discurso que fomentava a homofobia, entendida aqui como um conjunto de atitudes repulsivas dos indivíduos – em especial, daqueles adeptos ao patriarcado e ao heterossexismo compulsório – para com os homossexuais. Nesse sentido, muitas manifestações culturais surgidas nos séculos XIX e XX procuraram eleger como temas o amor romântico e o casamento heterossexual, pautando-se na família e na moral religiosa.

Não obstante, no Brasil, algumas obras, no final do século XIX, trouxeram temáticas e situações que se filiariam, posteriormente, a um conjunto de princípios teóricos da forma como foi pensado posteriormente por Rawet. Em 1885, por exemplo, o médico Lourenço Ferreira da Silva Leal, que assinava com o pseudônimo L. L., publica o romance *Um homem gasto*, cujo protagonista, Alberto, é um indivíduo homossexual de classe média alta que leva um estilo de vida desregrado e caracterizado por excessos sexuais. Ape-

sar disso, ele opta pelo matrimônio, mas, diferentemente do que se pode pensar, tal exagero torna-o incapacitado para o sexo após o casamento, algo que o leva a defini-lo como um “homem gasto”. Desesperado por essa limitação que o impede de cumprir com suas funções enquanto marido, recorre a vários médicos para tentar solucionar o seu “problema” e, em razão da ineficácia de inúmeros medicamentos, enlouquece e suicida-se.

Esse romance reforça a ideia de que as relações homoeróticas são consideradas devassas e, portanto, perigosas. Afora isso, está explícito no livro que a homossexualidade deve ser vista como uma doença para a qual haveria alguma solução por meio de remédios e tratamentos específicos. Uma vez que o personagem manteve relações sexuais antes do casamento, o fato de ele não conseguir cumprir com o seu papel de homem seria uma resposta a um descumprimento dos paradigmas que sustentam o heterossexismo compulsório. Ou seja, a sua impotência seria uma espécie de castigo pelo fato de ele ter desrespeitado as leis religiosas. Trata-se, evidentemente, de um homem que não cumpre com as supostas regras do patriarcalismo, logo é alguém que merece ser banido da sociedade. Considerando-se as circunstâncias de produção da obra, o seu suicídio não é algo surpreendente, mas coerente com as atitudes de uma sociedade preconceituosa e homofóbica.

Outro livro que aborda um desfecho trágico de um personagem com desejos homoeróticos é *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha, publicado em 1895. Trata-se do primeiro romance da literatura brasileira cuja temática principal e condutora da trama é o homoerotismo. A obra retrata o convívio de Amaro e Aleixo, ambos a serviço da Marinha Brasileira, e evidencia as notórias diferenças físicas e comportamentais dos dois protagonistas. Amaro é um negro extremamente forte e viril, a quem nenhuma característica feminina poderia ser atribuída. Tendo em vista sua força física, era um brutamontes. Já Aleixo é um adolescente de quinze anos, de olhos azuis e em fase de desenvolvimento físico. Frequentemente, sua imagem é feminilizada, visto que possuía formas femininas e preocupava-se em demasia com a vaidade e a aparência.

No decorrer da história, há a descrição do fascínio que Aleixo provoca em Amaro, que não mede esforços para conquistá-lo. Após forte insistência, eles consumam, ainda no navio, “o delito contra a natureza” (BARCELLOS, 2006, p. 15). Durante essa experiência, Aleixo assume definitivamente o papel de fêmea submissa, enquanto que Amaro reforça cada vez mais o seu papel de macho dominante, possuidor. Entretanto, o negro volta para o alto-mar, deixando o garoto sozinho, e esse sucumbe às investidas de Dona Carolina e torna-se seu amante, embora ainda não assuma a função de “ativo” na relação, devido à

sua falta de experiência. Depois de algum tempo, o rapaz apaixonou-se pela senhora e passa a temer a volta do Bom-Crioulo, por quem passa a sentir certa repulsa. Enquanto isso, Amaro sofre com a ausência do amado, sem ao menos imaginar o que está acontecendo e sem ter conhecimento das profundas transformações que o afetaram. Ao tomar parte do que acontecera, o negro mata Aleixo e é preso.

Partindo-se desses detalhes, observa-se que Adolfo Caminha rompe com determinados paradigmas heterossexistas, mas propõe uma forma de articulação de ideias que encontram correspondência na ideologia de sua época e que se enquadram nas posturas teóricas de Rawet, principalmente no que diz respeito às questões de identidade. Assim, por um lado, o autor do romance, ao eleger como par amoroso dois homens, rompe com a suposta virilidade das instituições sociais, metonimicamente representada pela Marinha, por outro, forja uma concepção de identidade pautada no binarismo homem-mulher, inserindo um dos personagens no arquétipo de macho e o outro no de fêmea. Além disso, para forjar a identidade masculina de Aleixo, o autor não abre mão da presença de uma figura feminina, no caso, Carolina. Porém, tanto Amaro quanto Aleixo são personagens *queer* e, por isso mesmo, devem ser penalizados de alguma forma: enquanto o primeiro é preso, o segundo é morto. Dito em outros termos, a homofobia fica encarregada de excluir os indivíduos que não cumprem com o heterossexismo compulsório⁴.

Outro romance que problematiza as relações homossexuais é *O Ateneu*, de Raul Pompéia, publicado em 1888. Embora não seja o principal componente do enredo, o homoerotismo é condenado e apresenta-se envolto por relações sociais de poder. O livro gira em torno do protagonista Sérgio, que se envolve a contragosto com Sanches, seu colega de internato. Devido às circunstâncias hostis do meio, o rapaz busca proteção de alguém mais velho, papel esse desempenhado por Sanches. Como sua função era zelar pelo comportamento dos outros, acaba se aproveitando da sua condição para assediar Sérgio, a quem propõe práticas “indecentes”, que representam “desvios de conduta”.

Nesse sentido, a obra aponta para a ideia de que as relações homossexuais são marcadas por relações assimétricas de poder e, sendo a referida instituição escolar caracterizada como um lugar degradante, a condição homossexual, sendo concebida como uma consequência de tal ambiente, seria, da mesma forma, uma prática considerada humilhante. Da maneira como a homossexualidade é apresentada – uma classe mais forte denegrin-

⁴ Outras observações sobre este romance, consultar FOSTER, David William. Adolfo Caminha's *Bom-Crioulo*: a Founding Text of Brazilian Gay Literature. In: _____. *Gay and Lesbian Themes in Latin American Writings*. 1991. p. 9-22.

Revista Literatura em Debate, v. 10, n. 18, p. 73-87, ago. 2016. Recebido em: 24 fev. 2016. Aceito em: 12 mar. 2016.

do outra mais fraca para extrair vantagens –, ela é tratada como algo ridículo e imoral. Além disso, se Sanches representa os mais fortes e Sérgio os mais fracos, a categoria que se sobrepõe às demais é a dos heterossexuais, uma vez que esses simbolizam o que há de “correto” em se tratando de condutas morais.

Considerando-se as premissas teóricas de Rawet, pode-se dizer que o livro de Pompéia forja uma concepção de identidade sexual calcada em uma perspectiva binária, em que, por um lado, existiriam os mais fortes, viris, masculinizados e “ativos”, por outro, os mais fracos, sensíveis, feminilizados e “passivos”. Com isso, haveria uma concepção de homossexualidade calcada em paradigmas preconceituosos e ligados a circunstâncias degradantes. Dito em outras palavras, embora a obra encene um comportamento entre personagens o qual pode ser considerado *queer*, ela o trata como algo ilícito, imoral e inconveniente. Assim, com a mesma força com que Adolfo Caminha critica a marinha, Raul Pompéia, em *O Ateneu*, ataca as instituições de ensino da época. Em ambos os casos, observa-se que os códigos heterossexistas são desmantelados, ao mesmo tempo em que as aludidas instituições representam o controle e o cerceamento dos desejos. Seja como for, o que convém notar é que se trata de um discurso sobre sexualidade que engendra uma hierarquia que afeta todas as esferas da estrutura social (FOSTER, 1995, p. 66).

Uma década após a publicação do texto de Samuel Rawet, surgem as primeiras teorizações mais formais e consistentes acerca da teoria *queer*. Assim, enquanto o feminismo interroga a primazia masculinista, os estudos étnico-raciais criticam o eurocentrismo, os estudos pós-coloniais põem em xeque as hierarquias de poder, e os estudos judaicos debatem o monopólio cristão, os estudos *queer* questionam os postulados do patriarcado heterossexista e heteronormativo (FOSTER, 2009, p. 15). Todavia, convém salientar que a palavra *queer* não se refere apenas a questões vinculadas a desejo sexuais, mas liga-se a um amplo quadro de dinâmicas sociais homologamente correlato à sexualidade. Nesse sentido, Guacira Lopes Louro define o vocábulo nos seguintes termos:

Queer é tudo isso: é estranho, raro, esquisito. *Queer* é, também, o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, *drags*. É o excêntrico que não deseja ser “integrado” e muito menos “tolerado”. *Queer* é um jeito de pensar e de ser que não aspira ao centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do “entre lugares”, do indecível. *Queer* é um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina. (LOURO, 2004, p. 7-8)

Partindo-se de tal definição, observe-se que a teoria *queer* consiste em uma reação ao heterossexismo compulsório, não contra a heterossexualidade em si, pois esta não dei-

Revista Literatura em Debate, v. 10, n. 18, p. 73-87, ago. 2016. Recebido em: 24 fev. 2016.
Aceito em: 12 mar. 2016.

xa de ser uma opção entre as outras. Afora isso, o *queer* fundamenta-se em uma epistemologia aberta que repudia as definições fixas sobre as quais se firma o patriarcado e suas definições de sexualidade. Consequentemente, ele não propõe a elaboração de uma narrativa mestra, já que admite a mais ampla variedade possível de interpretações e de modelos de conhecimento que podem romper com o patriarcado e o heterossexismo compulsório. Se o ensaio de Rawet, não obstante as suas abordagens transgressoras, ainda se prende aos binarismos identitários em que os comportamentos humanos devem pautar-se para a construção da categoria de gênero masculino ou feminino, o *queer* repudia tais definições fixas de identidades (FOSTER, 2000, p. 19-20).

A propósito, para o *queer*, sexo não é sinônimo de gênero, ou seja, o fato de um indivíduo ter nascido homem ou mulher não define, necessariamente nem automaticamente, a sua identidade masculina ou feminina, respectivamente. As identidades são múltiplas e variadas. Assim, conquanto o heterossexismo insista em forjar tais modelos de identidade e de conhecimento, não se pode esquecer de que existe, na célebre expressão de João Guimarães Rosa (2001), “a terceira margem do rio”, isto é, aquilo que os modelos epistemológicos mais conservadores se negam a conceber e a aceitar. Assim, na definição proposta por Louro, o *queer* é um corpo “estranho”, que “perturba”, mas que, ao mesmo tempo, “fascina”. Nesse sentido, se existe um corpo, este é dotado de desejos. Nesse caso, tanto o corpo quanto os seus desejos são múltiplos e, por conseguinte, incomodativos, porque desafiam aquilo que se costuma definir em termos de normalidade.

Se for permitido falar de uma tradição da literatura de temática homoerótica no Brasil, tomando-se como critério básico a questão da transgressão aos princípios do heterossexismo compulsório, podem ser identificadas, em termos de mero esquematismo, três fases principais. A primeira seria constituída por obras como *O Ateneu* (1888), de Raul Pompéia, *O cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo, *Bom-Crioulo* (1895), de Adolfo Caminha, e mesmo *Grande sertão: veredas* (1956), de Guimarães Rosa. Posteriormente, em uma segunda fase, já nos anos 1980, tem-se Caio Fernando Abreu. Embora às obras desse escritor não possa ser atribuído o rótulo de literatura *gay*, nos contos em que ele volta a sua atenção para esse assunto, retratou, de maneira ainda mais transgressora em relação aos primeiros autores citados, a questão do corpo, dos desejos, da sexualidade e da homofobia. Contemporaneamente, tem-se verificado um conjunto de textos que tratam do tema de maneira mais direta, muitas vezes, em primeira pessoa. É o que se verifica, por exemplo, em “Triunfo dos pelos”, de Aretusa Von.

Este conto, publicado no livro *Triunfo dos pelos e outros contos GLS*, foi o vencedor de um concurso realizado pelas Edições GLS, o qual teve como objetivo estimular a produção literária que abrangesse temas como erotismo e sexualidades alternativas. Publicado em 2000, a coletânea reúne dezessete textos, dos quais quinze são oriundos do concurso realizado e dois são pertencentes a autores convidados. O livro conta, ainda, com uma apresentação de André Fischer e um prefácio escrito por João Silvério Trevisan. Além de Aretusa Von, os outros autores são T. Soares, Ana Queiroz, Márcio El-Jaick, Rebecca Pedroso Monteiro, Abbud, Meirinho Leve, Ana Paula Grillo El-Jaick, Wil Cabral, Eduardo Rasgah, Luiz Mott, Geraldo Markan, Henrique Maximiliano, Lucas Traut, Vivi Martins, Fátima Mesquita e Alexandre Ribondi.

Narrado em primeira pessoa, o conto de Aretusa Von inicia ancorado em um componente de ordem fantástica. Na primeira frase, que constitui o primeiro parágrafo do texto, a narradora afirma o seguinte: “Hoje acordei homem” (VON, 2000, p. 15). Com tal constatação, fica pressuposto, de imediato, que, no dia anterior, tratava-se de uma mulher. Nos parágrafos seguintes, a protagonista explica como se deu tal transformação:

Foi um pedido que fiz no casamento de Lucidélia ontem. Quando vi a noiva tão linda, pensei: e eu que me casei tão cheia de ilusões, como essa aí. E agora apanho do marido, só porque engordei e não dou o loló.

Quando a noiva jogou o buquê, peguei sem querer. Juro que foi sem querer. Casar não quero mais. Mas dizem que buquê de noiva dá sorte. Então, antes de dar para a Cidinha, coitada, trinta anos e ainda virgem, tirei uma florzinha para mim. Que guardei dentro do sutiã. E pedi para Oxum: me faça nascer homem na próxima encarnação. Bem que o babalorixá painho me avisou: se pedir com fervor, os deuses atendem. (Ibid., p. 15)

Nesses parágrafos iniciais do conto, as premissas do heterossexismo compulsório são desmanteladas em diferentes aspectos e em diferentes graus. Primeiramente, por haver a formulação de uma nova concepção de identidade sexual que não se pauta no binarismo sexo-gênero. Observar-se-á, posteriormente, em algumas passagens do texto, que o desejo do personagem oscila: quando ela assume ser mulher, ela deseja ser homem; quando ela se torna homem, ela refere-se a si mesma como mulher. Não há uma rigidez no que diz respeito à maneira como ela própria se define em termos de sexo, gênero e gostos. Dito em outros termos, da mesma forma em que há alterações na concepção de sexo, há mudanças na ordem do gênero e, também, nas questões de desejo sexual.

Além desse aspecto, a protagonista desafia o heterossexismo compulsório, projetando uma crítica ao casamento. O matrimônio, enquanto instituição burguesa e patriarcal, caracteriza-se, em um primeiro momento, pela projeção de utopias e quimeras, para, em

seguida, deixar vir à tona as relações de poder existentes entre o homem e a mulher. O homem, considerado o mais forte, exerce uma relação de poder sobre a mulher, a qual é concebida como frágil e desprotegida. Como se observa nessa passagem do conto, a protagonista foi vítima de um sistema violento, tanto que se mostra iludida em relação ao marido e ao casamento, condenando-os veementemente. Essa desaprovação não é apenas em relação à instituição em si, mas em relação a todas as regras e condutas implicadas nessa prática.

Com isso, ao criticar o matrimônio, ela condena personagens, condutas e demais instituições. Em primeiro lugar, avalia com certo pesar a decisão de Lucidéllia, a noiva que celebra o seu casamento. Em segundo lugar, lamenta a situação de Cidinha, considerando-a uma “coitada”, por ter trinta anos e ainda ser virgem. Provavelmente, o seu julgamento incide nas premissas do matrimônio, as quais são sancionadas pela igreja, que julga legítima a união de casais heterossexuais em que tanto o homem quanto a mulher devem ser virgens. Por fim, pode-se dizer que essa crítica à religião é corroborada no instante em que ela realiza seu pedido a Oxum – orixá feminino, filha de Iemanjá e Olaxá, que reina sobre o amor, a intimidade, a beleza e a riqueza; pertence à religião iorubá, mas também é um orixá do candomblé. Trata-se de religiões *queer*, que aceitam o diferente, o estranho, mas o fascinante.

Até aqui, podem ser observadas posturas ambíguas por parte da protagonista. Tal ambiguidade não se define apenas em relação à sua sexualidade, mas às suas condutas. Nesse sentido, nota-se que ela despreza o casamento, mas 1) é casada, participa da festa da amiga e reconhece seu valor social; 2) desacredita em ilusões, mas tem esperanças de uma vida feliz, ao guardar uma florzinha do buquê da noiva em seu sutiã; 3) provavelmente desaprova a igreja, que legitima certas condutas a que ela é contrária, mas, paradoxalmente, recorre a entidades religiosas para ver satisfeito o seu desejo de ser homem. Desejo em que ela é atendida:

E hoje, como todos os dias, levanto-me da cama com a minha camisola desbotada para fazer xixi. Mas, em vez de sentar-me no vaso com as calcinhas arriadas como sempre, saco para fora um pênis de fazer inveja ao mais bem-dotado ator de filme pornô. De vez em quando, o porco do meu marido pega desses filmes de locadora. Dizem que as mulheres não gostam desse tipo de coisa, mas eu adoro. Vai ver que tenho mesmo alma masculina. E agora tenho um pau lindo de 21 centímetros. Faço questão de medir. (Ibid., p. 15)

Nota-se, nesse excerto, que sua identidade sexual não se enquadra em definições fixas em que há uma correspondência entre sexo, gênero e desejos. O personagem tem ora atitudes comumente e culturalmente atribuídas às mulheres, ora aos homens. Nesse rol de *Revista Literatura em Debate*, v. 10, n. 18, p. 73-87, ago. 2016. Recebido em: 24 fev. 2016. Aceito em: 12 mar. 2016.

transformações por que passa, outra mudança lhe chama a atenção: o fato de observar, pelo espelho do banheiro de sua casa, seu rosto coberto por pelos negros. Sente-se completa: “Agora, como homem, estou uma paisagem” (Ibid., p. 16). Percebe-se, nesse enunciado, que o protagonista não utiliza o verbo “ser” (que indica permanência, estabilidade), e sim o verbo “estar” (que expressa transitoriedade). Além disso, se, antes, sentia-se desvalorizada como mulher, tanto em razão de surras constantes de um marido bêbado e devido a desconsiderações alheias de outros homens, agora, sente-se com autoestima elevada.

Dotada dessa nova condição, ela troca de roupa, abandona a família e parte em busca de aventuras sexuais pela cidade de São Paulo: “Estava louca para testar minha nova condição, ter mil opções, transar com todo mundo, aceitar qualquer proposta em que eu pudesse exercitar meu novo instrumento” (Ibid., p. 16). Ao atestar que deseja ou aceita manter relações sexuais com qualquer indivíduo (seja ele homem ou mulher), ao se declarar livre de qualquer preconceito e fora de qualquer arquétipo, o personagem caracteriza-se como *queer*. Essa sua declinação só é possível porque é viabilizada pelo espaço urbano, que flexibiliza as suas opções.

A sua primeira experiência sexual dentro dessa nova condição (de homem) ocorre com uma mulher alta e morena que é abordada na rua. Ao responder afirmativamente às provocações do protagonista, ambos vão atrás do banheiro do parquinho, onde ele passa a sua mão “em sua bunda protuberante”, ocasião em que sente “o volume entre as [suas] pernas inchar e crescer até incomodar” (Ibid., p. 17). Nesse instante, o protagonista ignora completamente a sua condição de mulher e assume-se como homem; apesar de, ao longo da narrativa, referir-se a si mesma com o gênero feminino. Isso demonstra, a propósito, que inclusive a língua portuguesa é dotada de binarismos. Diferentemente de algumas línguas, no português, não há um pronome pessoal do caso reto que seja neutro, isto é, que aceita a multiplicidade de gêneros. Existem apenas o “ele” e o “ela”⁵.

Nessa sua primeira experiência, ambos entram em um hotelzinho. No quarto, ele pede para que ela tire a sua roupa e desfile nua. Ele observa o seu corpo nu e, naquele instante, vem à sua mente a lembrança de uma experiência passada: “Lembrei do quanto uma colega de escola me excitava com seus seios enormes aparecendo debaixo da blusa branca” (Ibid., p. 17). Essa declaração é central na interpretação do conto. Se o personagem principal acordou pela manhã dotado de um novo órgão genital, isso significa que, até o dia anterior, tratava-se de uma mulher. Essa mulher, casada e com filhos, assume, nessa

⁵ Na língua inglesa, por exemplo, existe o “he” = ele; o “she” = ela; e o pronome pessoal neutro “it” = ele/ ela. *Revista Literatura em Debate*, v. 10, n. 18, p. 73-87, ago. 2016. Recebido em: 24 fev. 2016. Aceito em: 12 mar. 2016.

passagem, que sentia atração por uma colega do tempo do colégio. Por essas pistas, conclui-se que, mesmo dentro do casamento tradicional, seus desejos não são totalmente definidos e orientados para um homem. Isso significa que tanto o patriarcado quanto o heterossexismo compulsório não se sustentam categoricamente. O personagem era *queer* mesmo antes de desejar ser homem e investir em experiências sexuais alternativas e inéditas.

No hotel, nem tudo acontece conforme eles imaginavam. Se, num primeiro momento, na rua, ele se sente vitorioso pelo fato de conseguir conquistar uma mulher, depois, no quarto, na condição de homem, não corresponde às expectativas da moça, e ela se decepciona com o seu desempenho. Como se averigua, há uma relação entre público e privado, aparência e verdade. No espaço público, as pessoas buscam definir seu gênero conforme seu sexo; no espaço privado, nem sempre isso acontece. De qualquer forma, o que convém ser salientado é que as relações heterossexuais podem ser motivo de insatisfação, a ponto de o protagonista questionar a sua sexualidade: “Quis dar uma de machinho e me danei” (Ibid., p. 18). Percebe-se uma crítica, aqui, ao heterossexismo compulsório, que instaura os gêneros e define a heterossexualidade como a única opção legítima e aceitável.

A sua segunda experiência sexual ocorre com um guarda de trânsito, que, na rua, o flerta. No instante em que ele se sente desejado pelo policial, seu corpo reage da seguinte maneira: “Vestígios femininos do meu corpo de macho batem palmas. Grandes lábios invisíveis contraem-se, molham-se” (Ibid., p. 18). Nesse particular, nota-se que o conceito hegemônico de masculinidade é contestado 1) pelo fato de ele, enquanto homem, não se satisfazer, inicialmente, com uma mulher, 2) por ele se sentir atraído por outro homem, no caso, um agente de trânsito, e 3) devido a esse último desejar, da mesma forma, um outro homem. Além disso, o protagonista não se sente inteiramente na condição de homem, o que pode ser verificado tanto no momento em que utiliza a expressão “machinho” para se referir a sua experiência malograda, quanto para se referir à excitação de seus órgãos genitais.

Se, com a mulher morena e alta, no hotel, a sua experiência foi frustrante, com o policial, parece que tudo deu certo. O agente conquista o protagonista, comprando-lhe algumas roupas novas e proporcionando-lhe um passeio com sua “kombi amarelinha”:

De roupa nova, vou dar a volta na kombi amarelinha.

Numa pracinha escondida do Jardim Europa, atrás de antigas mansões, até algemada sou. Faço delícias. E aprendo que, na falta de buracos óbvios, os alternativos resolvem muito bem a questão. E pensar o quanto apanhei do marido por negar o orifício escondido!

Sempre tive medo da dor. Mas com o guardinha, estava até implorando pela divina e prazerosa dor. (Ibid., p. 19)

Averigua-se que, na condição de esposa, não se sentia satisfeita com o seu marido nem lhe agradava praticar sexo anal; ao contrário, sentia desdém pelo cônjuge e, inclusive, atração pela colega de escola. Na condição de homem, em contrapartida, apenas lhe satisfaz a relação que mantém com outro homem, mas não com a morena no hotel. Observa-se, portanto, neste caso, que o sexo pode determinar o gênero, mas não define necessariamente que desejo os indivíduos terão. Trata-se, evidentemente, de uma postura contrária ao que determina o heterossexismo compulsório.

Depois dessas experiências, observa-se que a sua suposta identidade feminina volta à tona ao passar por uma zona de travestis, quando sente saudades de suas roupas de mulher. Na ocasião, “num boteco pobre embaixo do Minhocão”, faz amizade com uma “manicure carente”, que lhe empresta algumas roupas e uma peruca, com as quais sai às ruas. Parado em frente ao Hilton Hotel, um travesti alto e negro o ameaça, alegando que ali seria o seu ponto. Os amigos do negro começam a se reunir, o que lhe causa medo, mas é salvo por um homem que passava pelo local de carro:

Um carro para e abre a porta. Lá de dentro, um homem que não consigo ver comanda.
– Entra.
Reconheço o carro. O Opala 72 do meu cunhado. E na direção, todo perfumado, nada menos que... meu marido! (Ibid., p. 20)

Pelo que tudo indica, o seu marido é frequentador assíduo da zona, pois lhe pergunta se ele é novo naquele espaço. Depois de resgatá-lo daí, sob ameaça de outros travestis, os dois vão a um hotel. Para a sua surpresa, quando o marido tira a roupa, está usando uma lingerie negra que a esposa havia comprado para si para vestir-se em alguma ocasião especial. Observando a cena, ele lhe diz: “Roubei esta calcinha da vaca da minha mulher” (Ibid., p. 21). Ele se coloca sobre a cama e pede para que faça dele a sua “mulherzinha”. Nessa ocasião, surge a chance para “ele” (o agora travesti) se vingar do marido:

Meu membro acorda de repente, assanhando com a possibilidade de sodomizar aquele homem que tanto me fez sofrer.
Coloco um preservativo e viro bicho. Todos os meus instintos vêm à tona. Sou homem, sou mulher, sou *gay*, sou travesti, sou o universo.
Horas de selvageria depois, deixo o homem lá, acabado, prostrado. Devo ter arrebatado todo ele.
Volto para a rua, o asfalto riscado de sereno. Meia-noite chegou e foi embora e eu não virei abóbora.
Começa a amanhecer.
Minha florzinha continua no fundo da sunga, regadinhas pelas últimas gotas do meu esperma. (Ibid., p. 21)

Revista Literatura em Debate, v. 10, n. 18, p. 73-87, ago. 2016. Recebido em: 24 fev. 2016.
Aceito em: 12 mar. 2016.

Partindo-se de detalhes do conto, observa-se que há uma projeção da desestabilização do modelo de família tal como defendido pelo heterossexismo compulsório. Considerando-se a ideia de que esse último celebra uma família nuclear, baseada no amor romântico e na fidelidade conjugal, o texto rompe categoricamente com a ideologia patriarcal. Embora se verifique a presença de uma família nuclear, a relação entre os personagens é *queer*. Em primeiro lugar, por não existir um relacionamento pautado no amor romântico (tanto o marido quando a mulher se agridem mutuamente); em segundo lugar, pelo fato de o marido exigir da esposa que pratique consigo sexo anal (algo não sustentado pelo heterossexismo compulsório, pois não conduz à reprodução); em terceiro lugar, por não haver fidelidade conjugal (ocorrem traições de ambos os lados); e, por fim, pelo fato de tanto a mulher quanto o homem direcionarem seus desejos a pessoas de mesmo sexo (a mulher confessa que sentia atração por uma colega de escola e, depois, quando se transforma em homem, sente-se realizada praticando sexo com outros homens; em relação ao marido, esse procurava travestis para que o sodomizassem).

Nesse sentido, “Triunfo dos pelos”, de Aretusa Von, expõe, de maneira explícita, o que há de mais transgressor no que diz respeito à sexualidade, se essa for pensada a partir das premissas heterossexistas e patriarcais. Em relação a esse tema, a tendência da literatura brasileira contemporânea, a exemplo do que se verifica nesse conto, é projetar esquemas de relacionamentos e envolvimento sexuais que não atendam a nenhum modelo previamente estabelecido. Se as primeiras obras sobre o assunto enquadravam-se nos arquétipos tais como definidos por Samuel Rawet, atualmente, tal sistema de pensamentos parece ter sido superado. A teoria *queer*, nesse sentido, parece responder de maneira mais satisfatória ao que há de mais transgressor em relação aos modelos de sexualidade que se dizem socialmente legitimados.

Abstract: The main objective of this study is to evaluate the sexual diversities departing from some specific Brazilian literature works. Initially, we tried to verify how some books published in the late nineteenth century and early twentieth respond to theoretical propositions about the homosexuality and queer theory. Next, we analyze Arethusa Von’s short story “Triunfo dos pelos” (2000), in order to demonstrate that there is a conception of sexual identity that breaks with the binary schemes of sex and gender and proposes a model free of associations. Based on these considerations, it could be concluded that both patriarchy and compulsory heterosexism cannot be sustained categorically, opening spaces for multiple identities.

Keywords: Sexual diversities. Queer theory. Multiple identities.

Referências

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. 30. ed. São Paulo: Ática, 1997.

Revista Literatura em Debate, v. 10, n. 18, p. 73-87, ago. 2016. Recebido em: 24 fev. 2016. Aceito em: 12 mar. 2016.

BARCELLOS, José Carlos. *Literatura e homoerotismo em questão*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006.

CAMINHA, Adolfo. *Bom-Crioulo*. São Paulo: Martin Claret, 2003.

FOSTER, David William. Adolfo Caminha's *Bom-Crioulo*: a Founding Text of Brazilian Gay Literature. In: _____. *Gay and Lesbian Themes in Latin American Writings*. Austin: University of Texas Press, 1991. p. 9-22.

_____. Do "Para inglês ver" ao "Para brasileiro entender": escrevendo o sócio-texto homo-erótico brasileiro. *Mester*, Califórnia, EUA, University of California, v. 24, n. 1, p. 63-73, 1995.

_____. *Ensayos sobre culturas homoeróticas latinoamericanas*. Ciudad Juárez, Chih: Universidad Autónoma de Ciudad Juárez, 2009.

_____. *Producción cultural e identidades homoeróticas: teoría y aplicaciones*. San José: Editorial de la Universidad de Costa Rica, 2000.

LEAL, Lourenço Ferreira da Silva. *Um homem gasto: episódio da história social do XIX século*. 2. ed. Rio de Janeiro: Matheus, Costa e Cia, 1885.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaio sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

POMPÉIA, Raul. *O Ateneu*. 15. ed. São Paulo: Ática, 1994.

RAWET, Samuel. Homossexualismo: sexualidade e valor. In: BINES, Rosana Kohl; TÔNUS, José Leonardo (Org.). *Ensaio reunidos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p. 23-49. Originalmente publicado como "Homossexualismo: sexualidade e valor". Rio de Janeiro: Olivé, 1970.

ROSA, João Guimarães. A terceira margem do rio. In: _____. *Primeiras histórias*. 15. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 79-85.

_____. *Grande sertão: veredas*. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2001.

VON, Aretusa. Triunfo dos pelos. In: VÁRIOS. *Triunfo dos pelos e outros contos GLS*. Pref. André Fischer; apres. João Silvério Trevisan. São Paulo: Summus, 2000. p. 15-21.